

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014



**Como as mudanças climáticas
arriscam a operação do Canal
do Panamá?**

ESTE E OUTROS 13 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 201 • 10 de Maio de 2024

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Navio cruzando o Canal do Panamá](#)

Por: Rob Bertholf

Fonte: Flickr

CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Vice-Almirante Gustavo Calero Garriga Pires

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) José Luiz Ferreira Canela

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

Prof. Dr. Rafael Zelesco Baretto (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)

TRADUÇÃO

Lucas Salles Pithon Macedo (UFRJ)

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontradas na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

O NAC também está no [LinkedIn](#), acompanhem nossas postagens.



ÁFRICA SUBSAARIANA

Carolina Vasconcelos de Oliveira Silva (PUC-Rio)
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Isadora Jacques de Jesus (UERJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
José Ricardo de Oliveira Araujo (UFRJ)
Luísa Barbosa Azevedo (UERJ)
Mariana Bastos Fraguito (UFRJ)
Nicole Eduarte Silva Chifunga (UFF)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)

AMÉRICA DO SUL

Bruna da Silveira Eloy (UFRJ)
Fernanda Carvalho Calado Coutinho (UFF)
Gabriel Augusto Almeida da Silva (UFRJ)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)
Rafael Henrique de Almeida Bandeira Araujo (UFRJ)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Gabriel Paradela Heil (UFRJ)
Kaike Ferreira Mota (UFRJ)
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)
Jayanne Balbino Soares (UFF)

EUROPA

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Maria Victoria R. Scarlatelli de Menezes (KCL)
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)
Millene Sousa dos Santos (UFRJ)
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (Kobe University)
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFSC)
Thomas Dias Placido (UFSC)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Amanda Neves Leal Marini (ECEME)
João Gabriel Fischer Morais Rego (ECEME)
Maria Clara Vieira Schneider Vianna (UFRJ)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)
Vitória de França Fernandes (UNIRIO)

RÚSSIA & EX-URSS

Gabriel Willian Duarte Constantino (UFRJ)
José Gabriel de Melo Pires (ECEME)
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)
Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

SUL DA ÁSIA

Eduardo Araújo Manguera (PUC-Rio)
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)
Lucas Mitidieri (UFRJ)
Maria Fernanda Császár Lima Ferreira (UFRJ)
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)
Renan Guimarães Canellas de Oliveira (PUC-Rio)

TEMAS ESPECIAIS

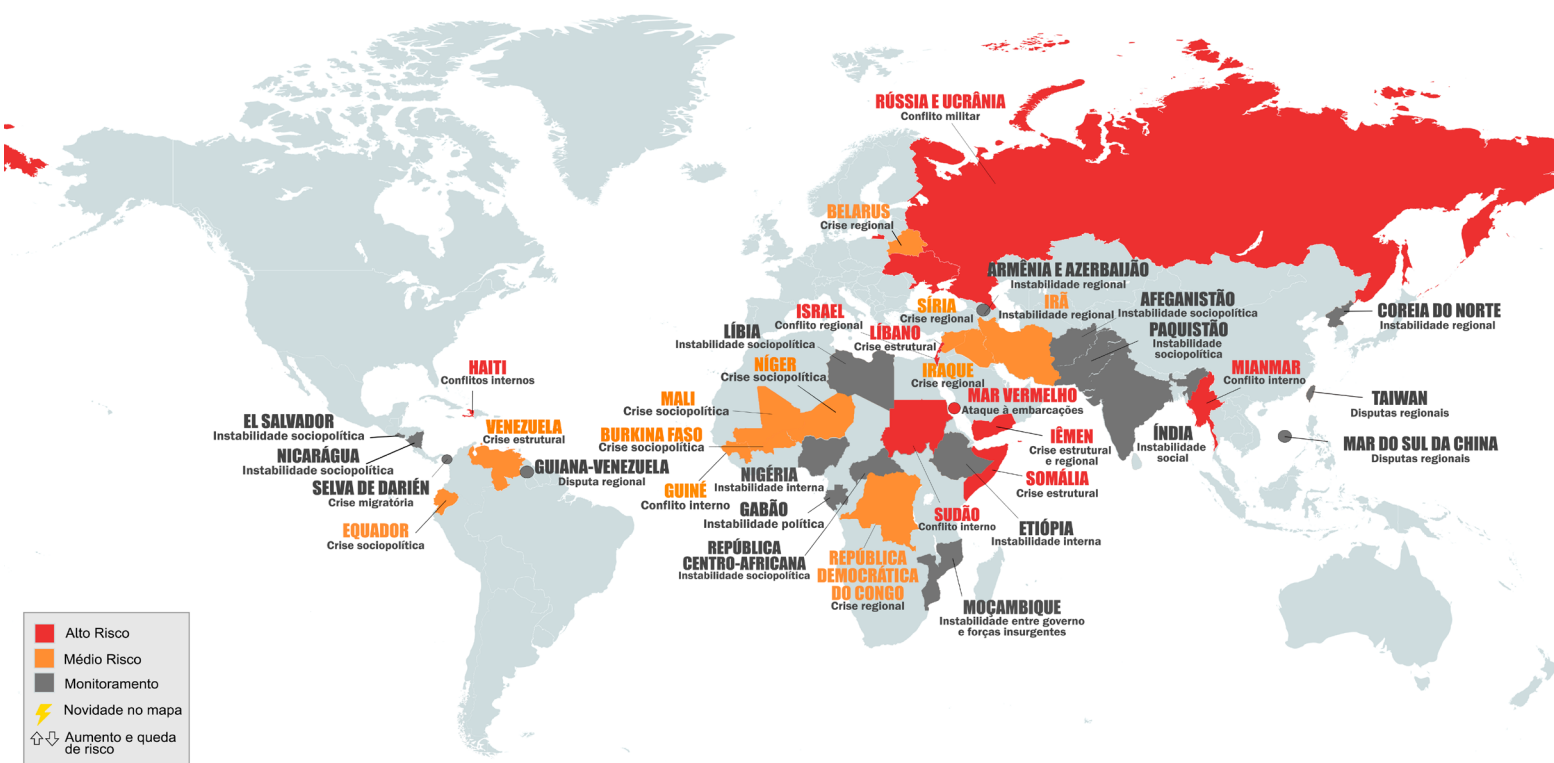
Raquel Torrecilha Spiri (UNESP)
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)



SUMÁRIO

AMÉRICA DO SUL		LESTE ASIÁTICO		
Indústria pesqueira no Uruguai e os obstáculos para o seu crescimento.....	5	Perspectivas para o Indo Pacífico: aproximação entre Japão e Índia.....	12	
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		O aumento das capacidades submarinas sul-coreanas.....		13
Como as mudanças climáticas arriscam a operação do Canal do Panamá?		SUL DA ÁSIA		
6		O controle do Porto de Sittwe e suas implicações para a geopolítica do Oceano Índico		13
ÁFRICA SUBSAARIANA		SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA		
A busca por zonas de influência da Rússia e da China na África Subsaariana		Funan Techo: o novo caminho para a aprimoração econômica cambojana		14
7		ÁRTICO & ANTÁRTICA		
O colapso da relação África-Occidente e a alta do terrorismo no Sahel.....		Corrida armamentista no Ártico: a presença da OTAN e o dilema da segurança		15
8		TEMAS ESPECIAIS		
EUROPA		Os drones marítimos e o futuro dos conflitos militares.....		16
Navegando em águas turbulentas: a versatilidade da estratégia geopolítica turca		Artigos Seleccionados & Notícias de Defesa.....		17
9		Calendário Geocorrente.....		17
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA		Referências.....		18
Hezbollah e Israel: questões e perspectivas para o futuro do Líbano.....		Mapa de Riscos.....		19
10				
O atual cenário da política iraquiana: reflexos do contexto regional				
11				
RÚSSIA & Ex-URSS				
Competição e cooperação no setor espacial: a abordagem russa				
11				

Por: Kaíke Mota



Created with mapchart.net

Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 19

Indústria pesqueira no Uruguai e os obstáculos para o seu crescimento

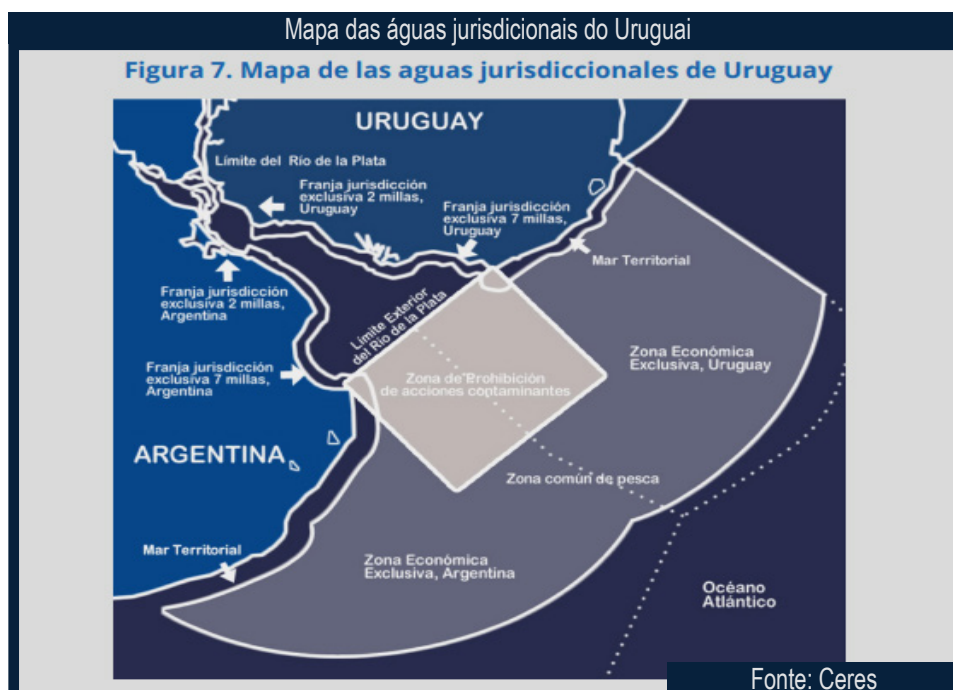
Taynah Pires

Uma das principais atividades econômicas do Uruguai pode colapsar. A indústria pesqueira, responsável por uma arrecadação anual de US\$ 100 milhões em exportações, enfrenta uma grave crise, a qual provocou a paralisação da frota pesqueira do país (Boletim 171). Diversos fatores explicam a atual situação uruguaia, tais como o déficit hídrico que afetou a nação em 2023 e a ausência de investimentos governamentais para a otimização do setor. Considerando-se a relevância socioeconômica da atividade pesqueira para o país e seu potencial ainda subaproveitado, surge a indagação sobre os motivos por trás da atual crise e como o governo uruguaio pode estimular o crescimento dessa indústria.

A indústria pesqueira desempenha um papel significativo na economia uruguaia, principalmente devido à sua natureza exportadora, que alcança diversos mercados, incluindo o Brasil, a China e as nações costeiras da porção ocidental do continente africano. Em 2023, o volume de pescados exportados atingiu a marca de 63 mil toneladas, demonstrando a importância e o alcance dessa atividade para o país. No entanto, a ausência de condições propícias para a continuação das atividades, aliada aos altos custos operacionais, levou à paralisação do setor. Atualmente, 90% da frota se encontra inoperante, prejudicando aproximadamente 3.000 indivíduos que dependem da receita proveniente da pesca.

Entre as motivações do agravamento da crise, pontua-se a ausência de medidas regulatórias que propiciem a entrada de investimentos direcionados para o desenvolvimento da pesca comercial, assim como a deterioração das embarcações. Quanto ao estado atual das frotas pesqueiras, há um total de 50 navios dedicados exclusivamente à captura de pescado, sendo que a maioria deles encontra-se em estado de obsolescência. Outrossim, especialistas apontam que as instituições governamentais possuem pouco interesse em investir no fortalecimento do setor. Esse desinteresse, de acordo com o *Centro de Estudios de la Realidad Económica y Social* (Ceres, sigla em espanhol), torna a indústria pesqueira uma atividade econômica subaproveitada e pouco competitiva. O setor possui potencial de duplicar suas exportações, ampliando os ganhos econômicos para US\$ 200 milhões por ano e gerando novos postos de trabalho.

Em síntese, compreende-se a complexidade da atual conjuntura uruguaia. Há a necessidade de ações coordenadas entre poder público, pescadores e indústrias ligadas ao setor, para a adoção de medidas que solucionem o problema a curto prazo e criem oportunidades para ampliar a inserção do Uruguai no mercado internacional a longo prazo.



Como as mudanças climáticas arriscam a operação do Canal do Panamá?

Victor Cabral

O Canal do Panamá enfrenta riscos à sua operação. A degradação e a erosão do solo podem assorear a conexão entre o Pacífico e o Atlântico, e a seca no Lago Gatún, responsável por abastecer as eclusas do Canal e a capital panamenha, estende-se por quatro anos. As alterações nos níveis do abastecimento do Lago Gatún preocupam a Autoridade do Canal e o governo do país, pois a seca dificulta as operações logísticas e pode promover racionamentos à população e às indústrias ([Boletim 186](#)). Em períodos de seca, entre 24 e 27 navios podem realizar a travessia diariamente, número que pode ser reduzido em cenários de maior escassez hídrica.

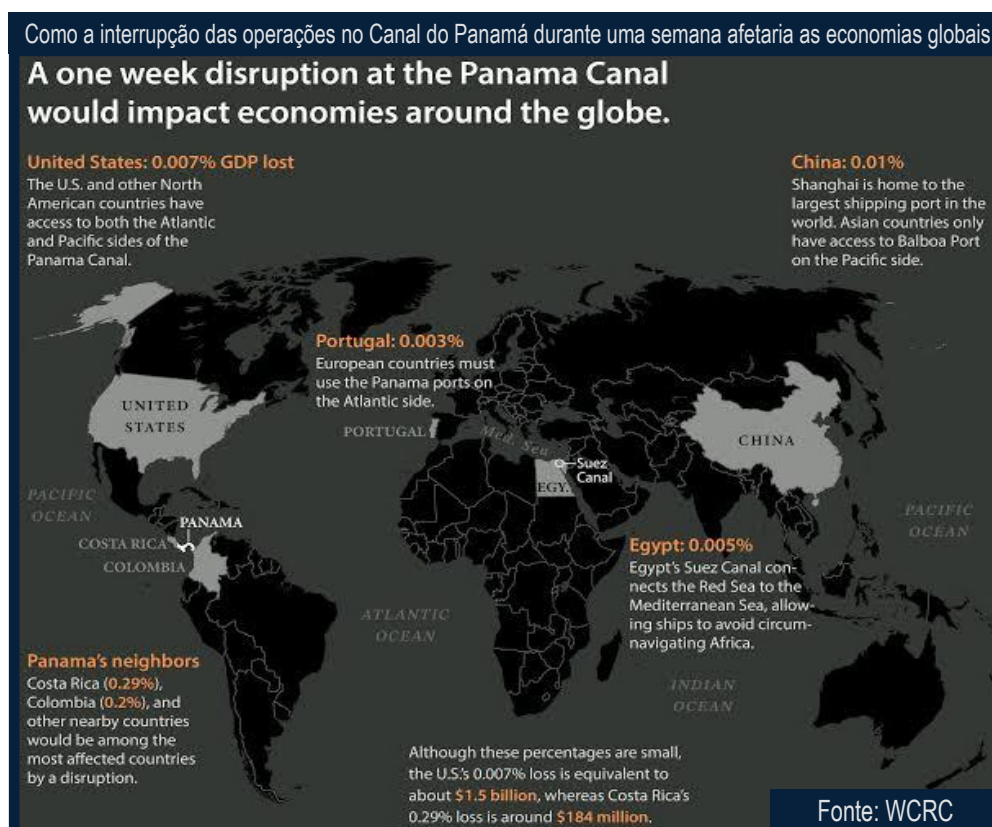
Um relatório da *S&P Global* indica que os cargueiros possuem prioridade na travessia, sendo pouco afetados por mudanças no Canal, enquanto navios graneleiros são prejudicados por terem de esperar mais tempo. Em contextos de restrições aos canais em outros continentes, como ao Canal de Suez ([Boletim 200](#)), o Panamá pode não conseguir absorver a demanda comercial devido às baixas reservas de água no lago.

Desde 2020, o Canal enfrenta dificuldades com as secas, com médias pluviométricas inferiores aos padrões, com outubro de 2023 tendo sido o mês mais seco dos 110 anos do Canal. Caso o período de chuvas esperado com a chegada do evento climático *La Niña* entre maio e junho de 2024 se confirme, o Canal poderá ter alívio

temporário de suas preocupações e elevar para 36 o total de travessias diárias.

Com as mudanças climáticas, ciclos naturais podem sofrer alterações em seus padrões históricos, sendo encurtados, estendidos, extenuados ou amplificados, dificultando-se previsões meteorológicas precisas. Os reflexos são: o encarecimento de fretes marítimos pela busca de outros trajetos para travessias entre os oceanos, atrasos nas entregas das cargas e até mesmo problemas portuários por eventuais destruições causadas por furacões ou elevação do nível do mar. Ademais, cerca de US\$ 270 bilhões em carga fluem pelo Canal anualmente, indicando-se um forte prejuízo à economia nacional caso haja algum interrompimento na travessia bioceânica, alertando para a latente vulnerabilidade à crise climática.

Devido ao elevado risco logístico, econômico e social de uma seca no Canal do Panamá, planos alternativos precisam ser executados. A Autoridade do Canal constrói reservatórios de água, mas que ainda são dependentes da chuva. Sozinho, o Panamá pode não ter condições de resolver futuras crises em seu Canal, sendo preciso uma articulação internacional em ciência e tecnologia para manter ativa a travessia bioceânica mais importante das Américas.



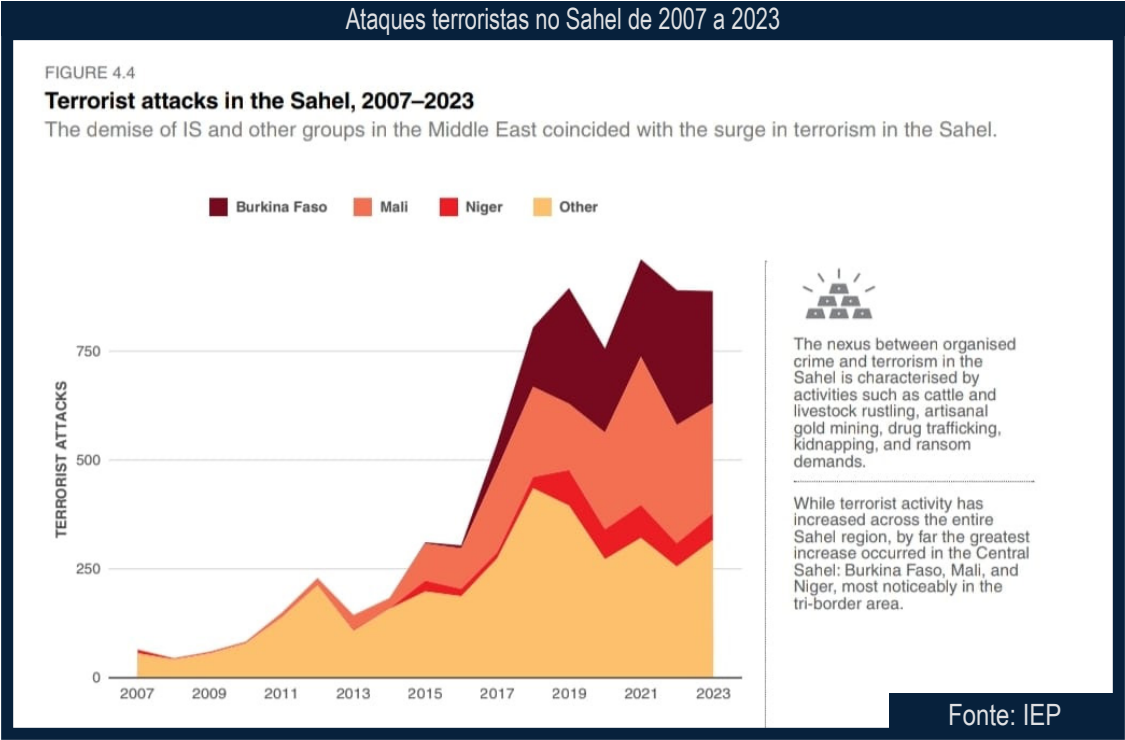
No decorrer de 2023, observou-se um duplo fenômeno: a mudança do epicentro do terrorismo do Oriente Médio para o Sahel, que hoje concentra mais da metade das fatalidades decorrentes de ataques terroristas no mundo, e a tentativa africana de afastar a presença militar ocidental. Esta segunda, por sua vez, está expressa na solicitação de retirada das tropas da Missão das Nações Unidas na República Democrática do Congo (MONUSCO) e das Forças Armadas (FA) francesas de Burkina Faso e do Mali. Nesse sentido, pode-se dizer que o colapso da relação África-Occidente favoreceu a alta do terrorismo na região?

No cenário geopolítico, também ocorreu a solicitação de retirada das FA dos Estados Unidos da América por determinação da junta militar que governa o Níger, culminando no encerramento do Acordo de Cooperação Militar com Washington em 16 de março de 2024. A aliança era importante no combate anti-terrorista, pois o controle do terrorismo na região do Sahel é fundamental para impedir sua propagação pela África, evitando que os movimentos cheguem à Europa. Com a retirada das tropas francesas e estadunidenses da região, criou-se um vácuo de poder no Sahel que não pôde ser preenchido imediatamente pelos governos locais, que não dispõem dos mesmos recursos que as grandes potências globais para mobilizar grandes missões, aproximando da região atores como a Rússia. Entretanto, é importante atentar-se

ao fato de que as missões ocidentais não apresentavam resultados substanciais no combate ao terrorismo na região há pelo menos 10 anos, enquanto o poderio de grupos terroristas crescia em um Sahel ainda sob intervenção ocidental.

Considera-se ainda a resistência das populações locais, com o exemplo das acusações de abusos de poder e sexual, exploração, tráfico e violência sistemática, no caso da MONUSCO. Assim, líderes africanos expressam cada vez mais desacordo em relação às exigências pós-coloniais das potências ocidentais em troca de apoio. Nesse contexto, a transferência para zonas de influência chinesa e russa, com o BRICS, se mostra mais vantajosa por oferecer aos países africanos mais autonomia nos assuntos do continente.

Por fim, o colapso das relações da África com o Ocidente reflete a insatisfação regional em aceitar exigências ocidentais em troca de um apoio militar e financeiro, que não tem se mostrado efetivo. É inegável que a saída ocidental gerou um vácuo aproveitado por grupos terroristas, mas a presença do Ocidente tampouco impediu a ascensão do terror. O movimento africano, embora ainda sem condições de enfrentar plenamente os grupos terroristas, busca como alternativa a gerência regional, com a possibilidade de estreitamento de laços com atores como a Rússia e a China.



Navegando em águas turbulentas: a versatilidade da estratégia geopolítica turca

Maria Clara Schneider

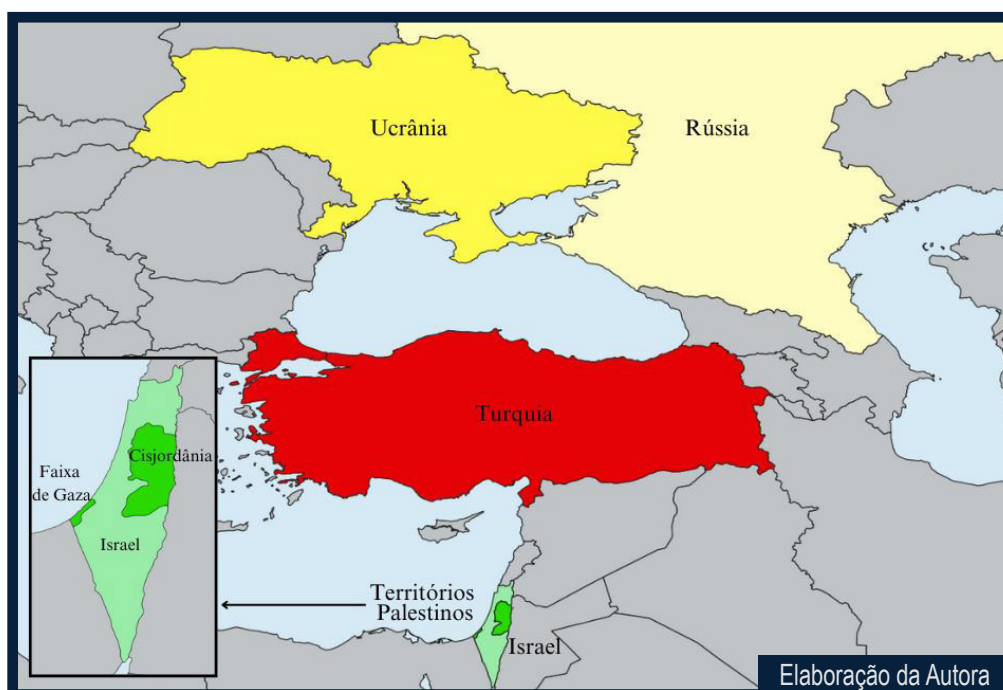
A Turquia possui posição estratégica na massa continental euroasiática, representando o elo entre Europa e Ásia, além de ser o único país da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) a fazer fronteira com o Oriente Médio. A esse contexto soma-se a política de ambiguidade deliberada turca, que visa preservar a independência do país para conduzir suas relações exteriores além-blocos. Destaca-se o papel de Ancara nos conflitos russo-ucraniano e de Gaza, que vem destoando daquele de seus aliados ocidentais. Assim, questiona-se: como a Turquia se posiciona perante as principais crises do Sistema Internacional?

A Turquia é banhada pelo Mar Negro, palco do maior conflito armado da Europa desde a Segunda Guerra Mundial. Assim, por compartilhar fronteiras marítimas com Rússia e Ucrânia, seu envolvimento no conflito é extenso e pendular. Em 2022, drones turcos “Bayraktar” TB2 representaram peça essencial da defesa ucraniana, a ponto de seu fornecedor estar construindo uma fábrica próxima a Kiev, prevista para operar em 2025. Ademais, devido à prerrogativa dada pela Convenção de Montreux ([Boletim 157](#)), Ancara não permitiu o incremento da Esquadra do Mar Negro, afetada por ataques ucranianos. Em contrapartida, a Turquia não aderiu às sanções impostas pelos seus aliados no Ocidente à Rússia e, portanto, pôde expandir suas relações energéticas com

o segundo maior produtor e exportador de gás natural do mundo. Outro elemento destoante é o fato de o país defender a presença da Rússia nas conversas de paz.

O conflito em Gaza se tornou uma das principais pautas na sociedade — civil e política — turca. Com a intensificação das incursões militares de Israel em Gaza, protestos pró-Palestina irromperam pela Turquia, e o governo, que inicialmente pedia por contenção de ambos os lados, assumiu uma postura crítica à condução israelense. Ancara também difere dos países europeus e da OTAN por não reconhecer o Hamas como um grupo terrorista e ser o primeiro país europeu a romper relações comerciais com Israel até que haja um cessar-fogo definitivo. Apesar das críticas a Tel Aviv, a Turquia se voluntariou para atuar como mediador e vem participando de negociações de paz, apoiando a solução de dois Estados.

Os exemplos citados ilustram a postura autônoma da Turquia em relação à OTAN e à Europa, provando a complexidade da atuação do país na geopolítica regional devido a sua capacidade de irradiar-se nos dois principais conflitos atuais. O posicionamento turco é de buscar resoluções diplomáticas e priorizar sua soberania mantendo certa equidistância, ainda que, acerca dos acontecimentos em Gaza, suas atitudes mais recentes caracterizem um apoio maior a um dos lados.



Hezbollah e Israel: questões e perspectivas para o futuro do Líbano

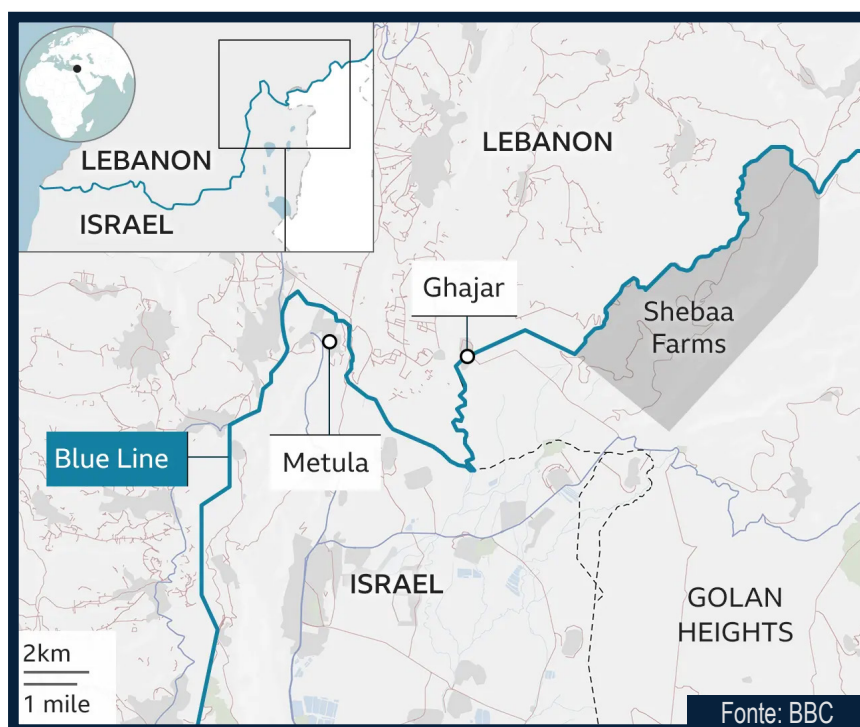
Pedro Nobre Vecchia

O conflito Israel-Hamas recentemente completou seis meses de sucessivos ataques na Faixa de Gaza. No decorrer dele, diversos grupos paramilitares decretaram apoio ao Hamas no aspecto financeiro e na distribuição de materiais bélicos, como o Hezbollah, presente massivamente no Líbano. Diante disso, questiona-se: quais são as perspectivas para o futuro do Líbano diante das hostilidades entre Hezbollah e Israel?

O Líbano desempenha papel crucial no conflito devido à presença do grupo político e militar Hezbollah, apoiado pelo Irã e considerado uma organização terrorista por Israel ([Boletim 112](#)). O Hezbollah tem uma longa história de confrontos com Israel, incluindo a Guerra do Líbano, em 2006, e atua como importante ator na região, especialmente no que diz respeito aos interesses iranianos no conflito Israel-Hamas ([Boletim 84](#)). Devido à sua proximidade geográfica com Israel, a região sul do Líbano tem servido como base estratégica para o Hezbollah, o que tem feito Israel aumentar a prontidão de suas tropas nos últimos meses para a região de fronteira, chamada de “Linha Azul” após determinação das Nações Unidas para a retirada das tropas israelenses do Líbano em 2000. Desde o dia 07 de outubro de 2023, início do conflito entre Israel e Hamas, ocorreram mais de 4.400 ataques aéreos com foguetes israelenses para o sul do Líbano.

No início de abril, Israel atacou um edifício diplomático iraniano na capital da Síria, causando a morte de sete militares da Guarda Revolucionária iraniana, incluindo dois comandantes. Como resposta, o Irã enviou centenas de drones e mísseis ao território de Israel, a grande maioria tendo sido interceptados pelo sistema de defesa do país. Esses fatos mostram a escalada de tensões entre Israel e Irã e os grupos que o apoiam, significando uma possível continuidade ao conflito de Gaza. De acordo com analistas internacionais, o Hezbollah possui, atualmente, dentro do território libanês, um arsenal de cerca de 120.000 mísseis guiados de curto alcance e não guiados de médio alcance, que podem fazer parte de mais ações e ameaçar a estabilidade da “Linha Azul”.

Dada a dinâmica corrente do conflito entre Israel e Hezbollah, especialmente considerando-se retaliações recentes, as perspectivas futuras para o Líbano parecem cada vez mais precárias. O considerável arsenal do Hezbollah dentro do território libanês acrescenta preocupação significativa em relação à estabilidade da região. À medida que as tensões persistem, o risco de escalada do conflito entre Israel e Hamas para a segurança do Líbano permanece uma questão premente.



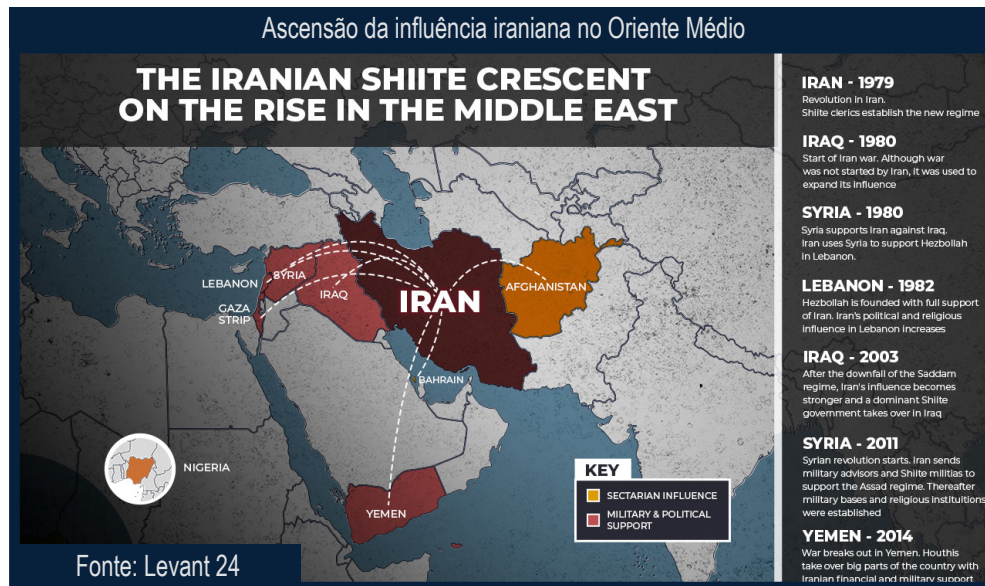
Em meio a ações militares que levaram às guerras regionais nas décadas passadas, bem como a emergência, ação e estabelecimento do Estado Islâmico, o Iraque da atualidade ainda apresenta graves problemas no que tange a zelar pela sua soberania, assim como sua Segurança e Defesa. Além destes desdobramentos geopolíticos, nas últimas semanas o aumento das tensões entre Irã e Israel levou a um novo momento na contínua instabilidade em meio à crise regional. Isto posto, o objetivo desta análise é elucidar o presente momento da conjuntura local na política iraquiana.

Teerã vem aumentando sua influência e atuação sobre Bagdá desde a invasão dos Estados Unidos (EUA) em março de 2003 e, posteriormente, com a queda de Saddam Hussein. Esse aumento de interferência não ocorre apenas no âmbito religioso, visto que ambos países possuem as maiores populações xiitas, mas também socioeconômico e geopolítico, devido à posição geoestratégica do Estado iraquiano. Nesse panorama, uma das ingerências mais fortes e notórias ocorre por meio da presença de grupos paramilitares no ambiente de segurança iraquiano relacionados ao Eixo de Resistência — aliança militar entre o Irã e entes não estatais regionais ([Boletim 195](#)).

Esse cenário revela como, na conjuntura regional, o

Iraque acaba pendulando para o lado iraniano, em grande parte devido à dificuldade de lidar com seus próprios problemas de Segurança e Defesa, permitindo que grupos pró-Teerã se alastrem por seu território. Nessa situação, é importante destacar que os paramilitares nacionais apoiados pelo Eixo de Resistência estão envolvidos em ações e ataques a bases militares dos EUA na região do Levante. De acordo com Washington, as hostilidades entre Irã e Israel evidenciam a relevância de se manter as tropas estadunidenses no Iraque, além da necessidade do governo iraquiano em agir de forma mais eficaz e enérgica no que tange a gerir seu território politicamente e deter o “monopólio da força”, visando impedir que Teerã e seus aliados usem o país como uma plataforma para suas operações militares.

Portanto, evidencia-se que, apesar de ser um Estado de Direito, na atual conjuntura o Iraque se situa mais como um Estado falido com lapsos de poder, estes que acabam sendo preenchidos por grupos de orientação pró-Irã e se posicionando na órbita de influência política de seu vizinho. Assim, a existência dessas entidades paramilitares que desafiam a Segurança e a Defesa do país é uma variável ímpar para se analisar o presente momento geopolítico local.



DOI 10.21544/2446-7014.n201.p11.

RÚSSIA & EX-URSS

Competição e cooperação no setor espacial: a abordagem russa

Pérsio Glória de Paula

O setor espacial encontra-se no cruzamento entre as crescentes rivalidades geopolíticas e a necessidade de cooperação internacional. O segmento detém importância estratégica tanto para as atividades militares quanto para

o desenvolvimento econômico e o funcionamento das sociedades contemporâneas. Ademais, a militarização do espaço tem considerável potencial disruptivo para o equilíbrio de poder nuclear, preocupando potências como

China, Estados Unidos (EUA) e Rússia. Destarte, como a Rússia tem abordado a complexa questão espacial?

A estratégia espacial russa abrange as necessidades de segurança e as oportunidades de cooperação científico-econômicas do setor. Pelo lado da cooperação, destacam-se um acordo firmado com a China para a construção de uma base lunar conjunta e as recentes declarações do diretor da Roscosmos (agência espacial russa), Yuri Borisov, que almeja criar uma plataforma multilateral de cooperação espacial com outras potências emergentes, especialmente os membros do BRICS. Dado o cerceamento tecnológico e a dificuldade de se obter parcerias com transferência de tecnologia de países do bloco ocidental, a Rússia se posiciona como uma opção de cooperação para os países do Sul Global. Essa ênfase alinha-se também às políticas russas de diversificação de parcerias internacionais e de estabelecimento da multipolaridade. Ademais, a cooperação multilateral ajuda a diluir custos associados aos projetos e aproveitar as crescentes oportunidades de um setor que poderá movimentar cerca de US\$ 1,8 trilhão até 2035, de acordo com o Fórum Econômico Mundial.

Entretanto, o setor espacial também é palco de crescentes rivalidades e militarização, que afetam a

manutenção da estabilidade estratégica, já que o possível posicionamento de armamentos no espaço e novas tecnologias disruptivas são elementos desestabilizadores para a balança de poder nuclear.

Consequentemente, a competição entre Rússia e EUA também tem se intensificado, por exemplo, no conceito de *Competitive Endurance*, no qual os EUA anunciaram a intenção de alcançar a superioridade espacial *vis-à-vis* rivais, como China e Rússia, por meio da criação de uma arquitetura global de segurança espacial integrada à capacidades militares e cibernéticas. Pelo lado russo, ressalta-se o desenvolvimento de armas antissatélite, como o S-550, um sistema de defesa antiaérea móvel para neutralizar alvos espaciais — entre eles satélites, mísseis balísticos intercontinentais e mísseis hipersônicos — antes da reentrada atmosférica, complementando a atuação dos S-400 e S-500 ([Boletim 120](#)).

Assim, há uma ambivalência na política espacial russa, que busca equilibrar os imperativos de segurança nacional com as vantagens derivadas do engajamento global no setor. Potencializam-se, assim, parcerias políticas e comerciais, promovendo-se o desenvolvimento econômico e de tecnologias de ponta e mantendo-se as capacidades dissuasórias de defesa.

DOI 10.21544/2446-7014.n201 p.11-12.

LESTE ASIÁTICO

Perspectivas para o Indo Pacífico: aproximação entre Japão e Índia

João Pedro Grilo

A relação entre Índia e Japão tem se tornado cada vez mais próxima nos últimos anos, em especial na área de Segurança e Defesa ([Boletim 160](#)). Desde o seu pontapé inicial em 2008 com o estabelecimento de um acordo denominado *Japan-India Security Cooperation Agreement*, e passando pelo estreitamento de laços com as assinaturas do *Special Strategic and Global Partnership*, em 2015, e do *Japan and India Vision*, de 2018, ambos os países alinharam-se quanto à necessidade de manter a região do Indo Pacífico livre, além de estabelecer as medidas militares cabíveis para tal, como o convite ao Japão para se tornar membro permanente do exercício naval “Malabar” ([Boletim 147](#)). Entre outros desdobramentos desse alinhamento, destacam-se a inauguração de reuniões 2+2 entre seus ministros da Defesa e das Relações Exteriores, ocorridas em 2019 e 2022, e a realização de encontros anuais entre os líderes de ambas as nações durante as reuniões do Quad ([Boletim 163](#)). Frente a essa tendência, o que há de se esperar da cooperação militar entre Japão e Índia nos próximos anos?

No dia 3 de abril, a Marinha indiana, por meio de

uma aeronave de reconhecimento P8I, em conjunto com membros da Força Marítima de Autodefesa do Japão (JMSDF, em inglês), iniciou exercícios de guerra antissubmarina (ASW, em inglês). Nesse encontro, houve o planejamento e a execução de operações de reconhecimento marítimo e ASW em conjunto com a JMSDF. Esse evento é a mais nova edição de uma série de contatos mais frequentes entre suas marinhas, como evidenciado pela recente visita da corveta indiana INS “Kadmatt” ao Porto de Yokosuka em dezembro de 2023 e pela presença de ambas as forças no exercício naval multilateral “Dragão Marinho”, realizado em janeiro de 2024.

Essa aproximação, motivada principalmente pela crescente preocupação de ambas as nações quanto às ações chinesas na região, tende a se expandir para além de exercícios militares conjuntos, em direção a uma maior cooperação na área de desenvolvimento e compartilhamento de tecnologias militares e uma maior coordenação em outros segmentos gradualmente militarizados, como o espaço e o ciberespaço. Por fim, apesar dessa gradual busca por uma maior

interoperabilidade de ambas as forças armadas, seja de forma bilateral ou multilateral (como com o Quad), a possibilidade do surgimento de uma aliança militar formal entre Tóquio e Nova Delhi ainda parece improvável

frente à predominância da doutrina de autonomia estratégica na política externa indiana e às possíveis tensões que isso traria com a China.

DOI 10.21544/2446-7014.n201.p12-13.

O aumento das capacidades submarinas sul-coreanas

Marcelle Torres

O desenvolvimento de submarinos de ataque da República da Coreia segue um caminho linear. Sob a missão de proteger os direitos marítimos e apoiar a política externa do país, o setor de construção naval sul-coreano apresenta mais um marco significativo: a entrega do submarino “Shin Chae-ho” à Marinha. Assim, como a República da Coreia vem transformando a principal fraqueza de sua força naval — a esquadra submarina — em um programa robusto e consolidado?

Iniciado no final da década de 1980, o programa de submarinos — também chamado de “Jang Bogo” — visa à construção de 27 submarinos para a Marinha, de 1993 a 2029. De submarinos anões, com capacidades limitadas em operações costeiras, como as classes SX 756 “Dolphin” e “Dolgorae”, a Marinha da República da Coreia evoluiu para a aquisição de submarinos mais desenvolvidos e de maior alcance com o programa de submarinos “Jang Bogo”.

O programa se divide em três fases: a primeira, que adquiriu nove submarinos convencionais de 1.200t e propulsão diesel-elétrica; a segunda, concluída com mais nove submarinos de 1.800t e de propulsão via Sistema Independente de Ar (AIP, em inglês); e a terceira, de 3.000t, com propulsão via AIP, sistema de lançamento vertical (VLS, em inglês) de mísseis de cruzeiro e capacidade de transportar mísseis balísticos lançados

por submarino (SLBM, em inglês), com três submarinos comissionados (SS-083 “Ahn Chang-ho”, SS-085 “Anh Mu” e o mais recente SS-086 “Shin Chae-ho”) e seis em planejamento, de 3.600t a 4.000t, para operações em águas oceânicas.

Os submarinos “Jang Bogo” evoluíram do design alemão “Type” 209, passando para o licenciamento alemão da *Howaldtswerke-Deutsche Werft* (HDW) de fabricação conjunta com a sul-coreana DSME e design “Type” 214, e finalmente para a construção nacional e maior grau de uso de tecnologia nativa. Construído pela *Hyundai Heavy Industries*, o recém-lançado “Shin Chae-ho” de 3.000t foi construído de forma independente, com tecnologia nacional e sistema de propulsão com bateria de chumbo-ácido. Além disso, essa embarcação marca a conclusão do primeiro lote da terceira fase e o início do segundo, que contemplará células adicionais no sistema VLS e bateria de íons-lítio, desenvolvida pela *Samsung SDI* e fornecida pela *Hanwha Defense*.

A República da Coreia se atém ao status e ao desenvolvimento de sua força naval por meio de capacidades autóctones e entregas no prazo, ao passo que se preocupa com questões táticas — como as ameaças norte-coreanas —, sua atuação oceânica e o aumento de ofertas de submarinos a outras Marinhas.

DOI 10.21544/2446-7014.n201.p13.

SUL DA ÁSIA

O controle do Porto de Sittwe e suas implicações para a geopolítica do Oceano Índico

Lucas Mitidieri

Em abril de 2024, a Índia autorizou a *India Ports Global Ltd.* (IPGL, em inglês), uma empresa vinculada ao Ministério da União dos Portos, Navegação e Hidrovias do país, para assumir o controle total do Porto de Sittwe, em Mianmar. O acordo envolve a expansão e o arrendamento do porto para a Índia, assim como o uso de rúpias indianas para transações. O porto foi construído pela Índia como parte de uma iniciativa para desenvolver as infraestruturas de transporte no sudoeste de Mianmar e no nordeste da Índia. A iniciativa destaca a crescente influência indiana na região, mas

também levanta questões sobre seu impacto na dinâmica geopolítica regional. Assim, questiona-se: como essa expansão pode afetar as relações regionais e a competição com a China?

A construção do porto faz parte do projeto *Kaladan Multimodal Transit Transport* (KMTTP, em inglês), uma iniciativa de colaboração entre Índia e Mianmar lançada em 2008. O objetivo do projeto é conectar o Porto de Calcutá, no leste da Índia, ao Porto de Sittwe, em Rakhine, Mianmar, proporcionando uma rota marítima para o nordeste da Índia. Essa nova rota

oferece um potencial econômico significativo para a região, permitindo o transporte de mercadorias, petróleo e gás e servindo como uma ligação entre as regiões do Sul e Sudeste Asiáticos. Além disso, reduzirá os tempos de transporte e facilitará o comércio de produtos de maior valor agregado entre os dois países.

Contudo, assim como a Índia busca fortalecer sua presença e sua influência em Mianmar, a China avança com projetos ambiciosos no país. Sob o intuito de criar uma rota comercial mais segura, rápida e eficiente, a China está construindo o Porto de Kyaukpyu em Mianmar, a 120 quilômetros de distância do supracitado Porto de Sittwe. O porto faz parte do Corredor Econômico China-Mianmar (CMEC, em inglês), um projeto da

Iniciativa Cinturão e Rota que pretende aumentar o acesso chinês à Baía de Bengala e ao Oceano Índico. O avanço da influência chinesa nestas regiões tem sido uma das maiores preocupações para o governo indiano, e o envolvimento chinês na construção do Porto de Kyakupyu põe em desafio o domínio da Marinha indiana na Baía de Bengala.

Em suma, o controle do Porto de Sittwe, em Mianmar, faz parte de uma estratégia de maior influência indiana em seu entorno geográfico, devido às disputas por influência geopolítica entre Índia e China. Os crescentes investimentos em infraestruturas, portos e instalações militares no Oceano Índico demonstram o perigoso processo de militarização da região.



DOI 10.21544/2446-7014.n201.p13-14.

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Funan Techo: o novo caminho para a aprimoração econômica cambojana

Guilherme Carneiro

Visando à redução dos custos de transporte de mercadorias entre a capital e o único porto de águas profundas do país, além de reduzir a dependência em relação aos portos vietnamitas, o Camboja prevê a construção do canal Funan Techo, que conectará a capital Phnom Penh, banhada pelo rio Mekong, à região costeira do país. Entretanto, a falta de transparência dos planos de construção do canal gerou preocupações entre os países vizinhos e organizações intergovernamentais — como a Comissão do Rio Mekong (MRC, em inglês) — em diversas áreas. Dessa forma, como a construção do canal Funan Techo pode gerar implicações ambientais e de segurança para a região?

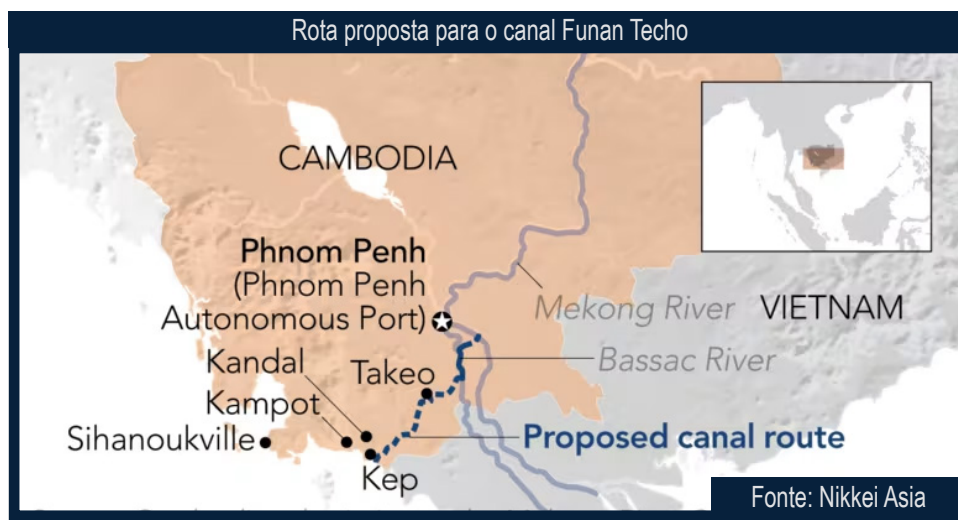
Segundo o primeiro-ministro cambojano, Hun Manet, o megaprojeto, avaliado em US\$ 1,7 bilhão e com cerca de 180 quilômetros de extensão, criará uma hidrovia conectando a capital Phnom Penh à costa, onde está localizado o Porto de Sihanoukville, único porto de águas profundas do país. O canal foi projetado para possuir largura de 100 metros e profundidade maior que 5 metros, podendo acomodar um tráfego bidirecional e transportar navios com peso de até 3000 DWT. O megaprojeto busca aprimorar a economia nacional ao reduzir os custos com transporte de mercadorias em cerca de 20%, o que beneficiaria não só as empresas, mas também os consumidores, uma vez que custo de

transporte mais baixo podem se traduzir em bens mais acessíveis.

Contudo, alguns países da região do Sudeste Asiático, como o Vietnã, e organizações intergovernamentais, como a MRC, levantaram dúvidas em relação às adversidades ambientais e de segurança que o megaprojeto atrairia. No que tange à questão ambiental, são expressas preocupações com a ecologia — já muito debilitada — do rio Mekong e seus recursos hídricos ([Boletim 183](#)), principalmente em relação ao fluxo de água a jusante do Camboja para o Vietnã. A temática de segurança em relação ao Golfo da Tailândia também foi um dos pontos de apreensão, visto que o projeto possibilitaria maior acessibilidade de

navios das marinhas à região e pelo fato de a construção do canal ser feita por uma empresa chinesa. Veículos internacionais afirmam que o megaprojeto traria um impacto na defesa e na segurança da região.

As autoridades cambojanas refutaram as apreensões, alegando que o projeto está alinhado com as normas ambientais regionais e internacionais, e insistiram que o canal busca puramente benefícios socioeconômicos, por oferecer mais vias navegáveis para o sudeste do país. Assim, o governo, o setor privado e as comunidades locais devem cooperar para que o canal se torne um modelo de integração econômica regional.



DOI 10.21544/2446-7014.n201.p14-15

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Corrida armamentista no Ártico: a presença da OTAN e o dilema da segurança

Jayanne Soares

O início de 2024 foi marcado pela crescente presença de uma corrida militar no Ártico, trazendo-se à tona questões como a segurança regional e a militarização da região. Foram realizados três grandes exercícios militares no Círculo Polar Ártico; o “Nordic Response”, por exemplo, reuniu 14 países e teve como objetivo primordial a defesa transfronteiriça e o treinamento logístico de equipamentos militares entre as regiões setentrionais da Finlândia, Noruega e Suécia. A vice-secretária adjunta de Defesa dos Estados Unidos (EUA), Iris Ferguson, anunciou, em meio à presença estadunidense nesses exercícios ao Norte, que em breve o Departamento de Defesa divulgará a nova estratégia do país para a região. Isto posto, em qual medida a militarização do Ártico pelos EUA e seus aliados representa uma nova conjuntura da região?

O aumento da militarização pelos países membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) se dá como influência direta do rearmamento do presidente

Vladimir Putin no Ártico e da hostilidade ao Ocidente no contexto do conflito russo-ucraniano ([Boletim 177](#)). É interessante notar que, antes do conflito, Helsinque e Estocolmo não tinham urgência em aderir ao tratado atlântico, e tal mudança de posicionamento gera uma corrida pela busca de maior presença no Norte. Os EUA, diante desse novo cenário, se utilizam de sua presença na região e da cooperação junto aos aliados nórdicos para definir quais são as necessidades tecnológicas para superar a presença russa no Ártico.

No contexto canadense, o país tem sido pressionado pelos EUA a aumentar seus gastos militares, principalmente devido a sua importância geopolítica no Oceano Ártico. Como um dos principais aliados de Washington e um dos principais países da América do Norte na defesa da região, os investimentos em equipamentos militares visam fortalecer as Forças Armadas canadenses e estabelecer centros de apoio no extremo norte. Assim, o primeiro-ministro canadense,

Justin Trudeau, ressaltou recentemente a necessidade de lidar com uma situação de segurança cada vez mais imprevisível e ameaçadora no Ártico, e a urgência do investimento em defesa.

Nota-se que a segurança se torna fundamental quando ameaçada. A expressão “corrida armamentista” foi utilizada em dois momentos importantes da política

internacional, caracterizados pela disputa entre nações pela superioridade em armamentos. Em ambos os casos, os países enfrentavam incertezas e se preparavam para defender seus interesses. Diante do cenário atual, percebe-se que uma nova conjuntura está se formando no Ártico, principalmente devido à busca pela hegemonia militar na região pelos EUA e por seus aliados.

DOI 10.21544/2446-7014.n201.p15-16.

TEMAS ESPECIAIS

Os drones marítimos e o futuro dos conflitos militares

Raquel Spiri

O conflito entre Rússia e Ucrânia, que se prolonga há dois anos, tem servido como um importante estudo de caso a respeito do uso de diferentes tecnologias durante confrontos militares nos anos 2020 (Boletim 195). Como noticiado em março de 2024, drones marítimos operados pelas forças ucranianas afundaram um navio-patrolha russo de 1,3 tonelada no Mar Negro, próximo ao estreito de Kerch, que separa a Crimeia ocupada da costa do sudoeste da Rússia.

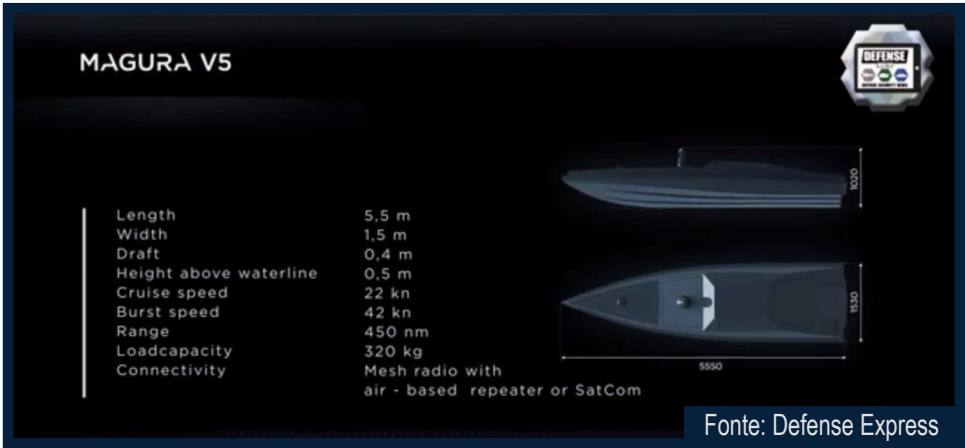
Esse acontecimento chamou a atenção da comunidade internacional para o “Magura” V5, o drone marítimo que tem um alcance de 800 quilômetros e que, como alegado, pode carregar cerca de 350 kilogramas de carga útil — o suficiente para afundar um navio de guerra, por exemplo. Ademais, o “Magura” V5 pode não requerer uma estrutura complexa para seus controle e lançamento, o que pode auxiliar as forças ucranianas na otimização de seu tempo e na manutenção de uma campanha ofensiva no Mar Negro.

Historicamente, campanhas militares contribuíram para o aperfeiçoamento de diversas tecnologias, servindo como um campo de testes para novas invenções. Dessa forma, observa-se que os drones marítimos, exemplo aqui tratado, vêm sendo empregados com sucesso pela

Ucrânia em sua ofensiva no Mar Negro desde o fim de 2023, o que incita o questionamento: qual é o futuro dos conflitos militares marítimos?

Uma possível leitura da empreitada ucraniana no Mar Negro revela que os drones marítimos podem oferecer uma vantagem significativa em campanha militar, quando combinados a inteligência e monitoramento marítimos (Boletim 200). Foi reportado pela CNN Brasil que, no início de fevereiro de 2024, a Ucrânia afirmou que suas forças tinham neutralizado cerca de 33% dos navios de guerra da Rússia, totalizando 24 navios neutralizados e um submarino.

Dessa maneira, uma sofisticação tecnológica, como é o caso do atual “Magura” V5, pode receber maiores investimentos no futuro, dados sua baixa complexidade, seu baixo risco para as forças que o operam e sua precisão quando combinado com inteligência. Finalmente, entende-se que o futuro dos conflitos militares está atrelado ao desenvolvimento tecnológico, que no século XXI ocorre aceleradamente. A utilização de drones marítimos e outros aparatos tecnológicos devem se tornar elementos presentes nos estudos militares do futuro na medida em que se tornam mais sofisticados e acessíveis.



DOI 10.21544/2446-7014.n201.p16.

- ▶ [The European Union's New Triumvirate](#)
PROJECT SYNDICATE, Sławomir Sierakowski.
- ▶ [A Declining China Is a Dangerous China](#)
THE NATIONAL INTEREST, James Holmes.
- ▶ [US losing ground to Russia in geopolitical battle over Africa](#)
THE HILL, Brad Dress.
- ▶ [Implications of Advanced Capabilities Within the AUKUS Pact on Deterrence](#)
RUSI, Sarah Tzinieris.
- ▶ [Más allá de las armas: la estrategia rusa en Ucrania](#)
INSTITUTO ESPAÑOL DE ESTUDIOS ESTRATEGICOS, Teresa Fernández.

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Por: José Ricardo Araujo e Maria Fernanda Császár

MAIO

Principais eventos de 10 a 25

13-17



ÁUSTRIA
33ª SESSÃO DA COMISSÃO
PARA PREVENÇÃO DE
CRIMES E JUSTIÇA CRIMINAL

13-28 *



SUÍÇA
SEGUNDA PARTE DA
CONFERÊNCIA DE
DESARMAMENTO

*de Junho

15



BAHREIN
33ª CONFERÊNCIA DOS
ESTADOS ÁRABES

15-19



LITUÂNIA
ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

16



ESTADOS UNIDOS
REUNIÃO ORDINÁRIA DA
COMISSÃO DE SEGURANÇA
HEMISFÉRICA

18-25



INDONÉSIA
10º FÓRUM MUNDIAL DA
ÁGUA

19



**REPÚBLICA
DOMINICANA**
ELEIÇÕES LEGISLATIVAS
E PRESIDENCIAIS

22



ESTADOS UNIDOS
GRUPO DE TRABALHO DA
JUNTA INTERAMERICANA DE
DEFESA

- **Indústria pesqueira no Uruguai e os obstáculos para o seu crescimento**
[Crisis de la industria pesquera: aseguran que "es más rentable traer pescado desde Argentina".](#) *Ámbito*, 30 mar. 2024. Acesso em: 04 abr. 2024
DÍAZ CAMPANELLA, Gabriel. [Uruguay da la espalda al mar: la industria pesquera cae 49% en una década.](#) *El País*, 06 mai. 2023. Acesso em: 04 abr. 2024
- **Como as mudanças climáticas arriscam a operação do Canal do Panamá?**
GIRALDO, Marion. [Panama Canal drought could threaten supply chain, S&P says.](#) *Reuters*, 03 abr. 2024. Acesso em: 04 abr. 2024.
FLEURY, Michelle. [Can the Panama Canal save itself?](#) *BBC*, 05 mar. 2024. Acesso em: 04 abr. 2024.
- **A busca por zonas de influência da Rússia e da China na África Subsaariana**
HAMLIN, Benedict. [China in Sub-Saharan Africa: Sanction-Proof Supply Lines and Dual-Use Ports.](#) *RUSI*, 14 mar. 2024. Acesso em: 04 mai. 2024.
RIDGWELL, Henry. [Putin Denies Strategy to Spread Influence in Africa After Wagner 'Rebrand'.](#) *Voa News*, 14 mar. 2024. Acesso em: 04 mai. 2024.
- **O colapso da relação África-Occidente e a alta do terrorismo no Sahel**
[Africa is the new global terrorism epicentre.](#) *DefenceWeb*, 26 abr. 2024. Acesso em: 04 mai. 2024.
NORVAL, Stuart. [Sahel seeing 'Cold War' in parallel to counter-terrorism efforts, expert says.](#) *France 24*, 23 abr. 2024. Acesso em: 04 mai. 2024.
- **Navegando em águas turbulentas: a versatilidade da estratégia geopolítica turca**
CAGLAYAN, Ceyda; HAYATSEVER, Huseyin. [Turkey halts trade with Israel until permanent Gaza ceasefire.](#) *Reuters*, 03 mai. 2024. Acesso em: 03 mai. 2024.
PIERINI, Marc. ['Russia could push Turkey into lasting political and military antagonism with the rest of NATO'.](#) *Le Monde*, 03 mai. 2024. Acesso em: 03 mai. 2024.
- **Hezbollah e Israel: questões e perspectivas para o futuro do Líbano**
[Hezbollah chief says Iran response 'inevitable' after consulate strike.](#) *France24*, 05 abr. 2024. Acesso em 05 abr. 2024.
JONES, Seth. BYMAN, Daniel. PALMER, Alexander. MCCABE, Riley. [The Coming Conflict with Hezbollah.](#) *CSIS*, 21 mar. 2024. Acesso em: 22 mar. 2024.
- **O atual cenário da política iraquiana: reflexos do contexto regional**
[Iraq's dangerous balancing act between Iran and the US.](#) *Al Jazeera*, 17 abr. 2024. Acesso em: 30 abr. 2024.
[Drone, rocket attacks targeted US forces in Iraq, Syria, officials say.](#) *The New Arab*, 22 abr. 2024. Acesso em: 30 abr. 2024.
- **Competição e cooperação no setor espacial: a abordagem russa**
ISAKOVA, Irina. [The U.S. Challenges Multipolarity in a Struggle for a Space Dominance: from Deterrence to Competitive Endurance.](#) *RIAC*, 28 mar. 2024. Acesso em: 06 abr. 2024.
[Space is booming. Here's how to embrace the \\$1.8 trillion opportunity.](#) *World Economic Forum (WEF)*, 08 abr. 2024. Acesso em: 04 mai. 2024.
- **Perspectivas para o Indo Pacífico: aproximação entre Japão e Índia**
KURITA, Masahiro. [Japan-India Security Cooperation: Progress Without Drama.](#) *Stimson Center*, 15 fev. 2023. Acesso em: 05 abr. 2024.
[Bridges of Friendship: Indian Navy's P81 aircraft arrives in Japan for bilateral anti-submarine warfare exercise.](#) *ThePrint*, 03 abr. 2024. Acesso em: 05 abr. 2024.
- **O aumento das capacidades submarinas sul-coreanas**
BITZINGER, Richard. *Overlooked: South Korea's Naval Shipbuilding.* *RSIS Commentary*. S. Rajaratnam School of International Studies (RSIS). *Nanyang Technological University: Singapura*, 05 jul. 2019.
HILL, John. [HHI delivers Shin Chae-ho submarine to South Korea.](#) *Naval Technology*, 04 abr. 2024. Acesso em: 03 mai. 2024.
- **O controle do Porto de Sittwe e suas implicações para a geopolítica do Oceano Índico**
BANERJEE, Sreeparna. [Shifting tides: India's port dominance in Myanmar.](#) *Observer Research Foundation*, 25 abr. 2024. Acesso em: 03 mai. 2024 .
DUTTA, Suyesha ; CHOUDHURY, Suvolaxmi Dutta. [Balancing Tides: India's Competition with China for Dominance of the Indian Ocean Region.](#) *The Asia Pacific Foundation of Canada*, 24 abr. 2024. Acesso em: 03 mai. 2024.
- **Funan Techo: o novo caminho para a aprimoração econômica cambojana**
STRANGIO, Sebastian. [\\$1.7 Billion Cambodian Canal Project Draws Increasing Scrutiny.](#) *The Diplomat*, 12 abr. 2024. Acesso em: 02 mai. 2024.
VANNARITH, Chheang. [Cambodia's Funan Techo Canal, A Game Changer?.](#) *Khmer Times*, 04 dez. 2023. Acesso em: 03 mai. 2024
- **Corrida armamentista no Ártico: a presença da OTAN e o dilema da segurança**
DOMINGO, Juster. [US Navy Launches Operation Ice Camp in Arctic Ocean.](#) *The Defense Post*, 12 mar. 2024. Acesso em: 27 abr. 2024.
PUGLIESE, David. [Canada vows fresh focus on Arctic defense, equipment purchases.](#) *Defense News*, 09 abr. 2024. Acesso em: 27 abr. 2024.
- **Os drones marítimos e o futuro dos conflitos militares**
[Russia's Black Sea Fleet Takes New Measures to Fend Off Ukraine's Drones.](#) *The Maritime Executive*, 20 mar. 2024. Acesso em: 20 mar. 2024.
VLASOVA, Svitlana; LENDON, Brad. [Ucrânia diz que afundou mais um navio de guerra da Rússia com drones marítimos.](#) *CNN Brasil*, 05 mar. 2024. Acesso em: 20 mar. 2024.

O mapa inicial (pág 04) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência na economia brasileira e o impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Os parâmetros para categorização dos riscos seguem os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, relevância dos atores envolvidos, repercussão internacional, impacto regional e a possibilidade da escalada de tensões. Após a seleção

dos fenômenos, estes podem ser categorizados em alto risco (vermelho), quando avalia-se grande instabilidade social, política, militar ou econômica; e também, em médio risco (laranja), para principais situações de agravamento de riscos observados. Os países em cinza representam conflitos monitorados; caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Kaike Mota

► ALTO RISCO:

- HAITI - Conflitos internos: [Haiti's capital still awaits its first commercial flight as armed gangs target airport areas](#). **The Haitian Times**, 06 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.
- IÊMEN - Crise estrutural e regional: [‘Yemen at a crossroads’: Nearly 200 aid groups issue urgent funding appeal](#). **Al Jazeera**, 06 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.
- ISRAEL - Conflito regional: [Israel strikes Gaza city of Rafah after evacuation order, say residents](#). **Reuters**, 06 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.
- LÍBANO - Crise estrutural: [Four Lebanese civilians killed in Israeli strike on border village](#). **Reuters**, 05 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.
- MAR VERMELHO - Ataque à embarcações: [Houthis claim Red Sea victory against US Navy](#). **Arab News**, 05 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.
- MIANMAR - Conflito interno: [Myanmar ethnic armed group says it captured hundreds of junta personnel in Rakhine](#). **The Straits Times**, 06 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito militar: [Ukrainian drones kill six, injure 35 in Russia's Belgorod region, governor says](#). **Reuters**, 06 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.
- SOMÁLIA - Crise estrutural: [Somalia unveils new CID, court building in Mogadishu](#). **Garowe Online**, 04 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.
- SUDÃO - Conflito interno: [UN agencies warn of imminent starvation risk in Sudan's Darfur region](#). **UN News**, 03 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.

► MÉDIO RISCO:

- BELARUS - Crise regional: [Expert on growing Polish troops on Belarus' border: they will not even dare to bite](#). **Belarus Segodnya**, 06 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.
- BURKINA FASO - Crise sociopolítica: [Burkina Faso, report on army abuses: protests at the US embassy after accusations against the military junta](#). **Agenzia Nova**, 04 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.
- EQUADOR - Crise sociopolítica: [Defensa de Glas presentará recurso de apelación en Ecuador](#). **Prensa Latina**, 06 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.
- GUINÉ - Conflito interno: [Violent conflit domianial entre Fodécaria et Bakonkokoro: deux morts et plusieurs arrestations](#). **GuinéeNews**, 04 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.
- IRÃ - Instabilidade regional: [IAEA chief arrives in Iran to 'negotiate with top nuclear' officials](#). **France24**, 06 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.
- IRAQUE - Crise regional: [Turkey says it killed 32 Kurdish militants in northern Iraq](#). **Al Arabiya**, 03 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.

• MALI - Crise sociopolítica: [Residents of northeastern Mali town trapped, blocked from humanitarian aid](#). **Voa News**, 03 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.

• NÍGER - Crise sociopolítica: [Russian troops enter base housing US military in Niger, US official says](#). **Reuters**, 03 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.

• REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO - Crise regional: [Washington accuse le Rwanda d'une attaque meurtrière sur un camp de déplacés](#). **France24**, 04 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024

• SÍRIA - Crise regional: [Suspected IS attack kills at least 13 in east Syria](#). **Arab News**, 03 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.

• VENEZUELA - Crise estrutural: [Verdad, mentira y propaganda: retrato de la economía de Venezuela a las puertas de las elecciones](#). **El País**, 06 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.

► EM MONITORAMENTO:

• AFGANISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [Over 23 million Afghans in dire need of humanitarian aid in 2024: UNAMA](#). **Business Standard**, 06 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.

• ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Instabilidade regional: [Azerbaijan and Armenia to negotiate peace in symbolic return to Kazakh capital Almaty](#). **Euroactiv**, 03 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.

• COREIA DO NORTE - Instabilidade regional: [South Korea to double military drone fleet to counter North Korean UAV threats](#). **NK News**, 03 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.

• EL SALVADOR - Instabilidade sociopolítica: [Crimes against humanity in El Salvador?](#). **Dallas News**, 04 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.

• ETIÓPIA - Instabilidade interna: [Ethiopia's Amhara militia says resettlement plan "beats war drum"](#). **Reuters**, 03 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.

• GABÃO - Instabilidade política: [Gabon opposition divided over national dialogue's proposal to suspend political parties](#). **The North Africa Post**, 02 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.

• GUIANA E VENEZUELA - Disputa regional: [Is Venezuela Serious About Invading Guyana?](#). **The Atlantic**, 04 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.

• ÍNDIA - Instabilidade social: [India's violence-wracked Manipur holds 'closed-door' election](#). **Nikkei Asia**, 06 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.

• LÍBIA - Instabilidade sociopolítica: [Italian organization rescues 87 migrants setting off from Libya](#). **Libya Observer**, 06 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.

• MAR DO SUL DA CHINA - Disputas regionais: [US-Fillipino troops conduct war games amid rising tensions in South China Sea](#). **First Post**, 06 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.

• MOÇAMBIQUE - Instabilidade entre governo e forças insurgentes: [Investigação por "homicídio involuntário" contra TotalEnergies após o ataque jihadista em Moçambique](#). **RFI**, 05 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.

• NICARÁGUA - Instabilidade sociopolítica: [Nicaragua cancela personalidade jurídica de 13 ONGs](#). **O Povo**, 02 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.

• NIGÉRIA - Instabilidade interna: [Nigeria gunmen kill 25 in raids on northwest villages](#). **Voa News**, 03 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.

• PAQUISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [Pakistan farmers announce nationwide protest from May 10 amid wheat import crisis](#). **Arab News**, 05 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.

• REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA - Instabilidade sociopolítica: [Arrest Warrant Issued for Former Central African Republic President](#). **Human Rights Watch**, 03 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.

• SELVA DE DARIÉN - Crise migratória: [Lawless and neglected: Local Colombians see Darién influx as economic lifeline](#). **The News Humanitarian**, 01 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.

• TAIWAN - Disputas regionais: [China ramps up pressure on Taiwan ahead of presidential inauguration](#). **Voice of America**, 06 mai. 2024. Acesso em: 06 mai. 2024.